

Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna

Giselle Martins Venancio

Introdução

“Pesquisando os amigos, percorri seus escritos” (Vincent-Buffault, 1995: 19). Desta forma, Anne Vincent-Buffault se refere à escritura estabelecida entre amigos durante os séculos XVIII e XIX. Em sua pesquisa sobre as práticas de amizade, na França, nesse período, ela concluiu que fontes tais como os diários, as memórias e as correspondências oferecem à leitura textos de amizade. Mas, como destaca a autora, a correspondência entre amigos é uma fonte privilegiada para a análise das formas de amizade pois, ao contrário das outras, deixa entrever marcas de relações mútuas. Diferentemente das demais fontes citadas, a correspondência estabelece uma relação. A prática epistolar de um indivíduo só existe em função de um outro, para quem se enuncia uma fala e de quem se aguarda

Nota: Uma versão condensada deste texto foi apresentada no VI Congresso Internacional de História da Cultura Escrita realizado na Universidade de Alcalá de Henares, Espanha, em julho de 2001.

uma resposta. É portanto uma via de mão dupla, um ir e vir entre uma intenção anunciada, uma espera ansiosa e uma resposta que tem por função principal o restabelecimento do início do processo. Segundo Dauphin (1991: 235), a troca de correspondências “(...) é pontuada pela espera de respostas. (...) Essa obrigação, que revela o código de boas maneiras, traduz de fato uma relação com o tempo específica da correspondência.”

A correspondência é um documento típico dos arquivos privados, principalmente dos pessoais. Esse tipo de acervo possui freqüentemente uma coleção de cartas, documentos de características ao mesmo tempo íntimas e públicas, pessoais e relacionais.

Este texto, que resulta de pesquisas que venho desenvolvendo sobre correspondências pessoais para a elaboração de uma tese de doutorado em história, tem como objeto a exploração e análise do arquivo pessoal de Francisco José de Oliveira Vianna.

Foi precisamente nesse acervo que foram encontradas as correspondências que se pretende explorar nessa breve análise. O caminho seguido foi inverso ao de Anne Vincent-Buffault, citado anteriormente. Se ao pesquisar os amigos ela descobriu seus escritos, aqui, ao se pesquisar os escritos de um indivíduo, percorreu-se sua rede de sociabilidade. Foi-se do texto ao contexto e, dele, às redes. Tentou-se identificar, a partir dos registros escritos, os atos relacionais e as práticas cotidianas que permitem vislumbrar traços de relações pessoais.

O ponto de partida para este questionamento foi a exploração das correspondências que compõem o arquivo pessoal de Oliveira Vianna¹ e que estão depositados na Casa de Oliveira Vianna, localizada em Niterói e administrada pela FUNARJ.²

Para a elaboração deste texto, a análise centrou-se num tipo específico de correspondência: as cartas escritas por pessoas que agradeciam os livros de autoria de Oliveira Vianna, enviados por ele de presente. A escolha desse tipo de correspondência se justifica à medida que coloca em evidência dois importantes elementos das relações pessoais: a troca de presentes e de cartas. O destaque, entre os interlocutores de Vianna, daqueles que receberam presentes de papel permite perceber indícios de aspectos de estima e consideração, elementos propulsores de sua prática social, e esboçar, ainda que de maneira fragmentária, sua rede de relações pessoais definida, marcada e materializada pela escrita epistolar.

Buscou-se, dessa forma, relativizar a interpretação que considera Oliveira Vianna um homem solitário, destacando-se suas estratégias e práticas de relações pessoais. Não se trata de traçar uma nova representação desse intelectual que elimine aquela já sedimentada pelos seus estudiosos, mas de compreender de que forma a escrita epistolar constituiu uma prática por ele

utilizada para estabelecer e manter uma rede de relações pessoais, sociais, políticas e intelectuais.

Decifrando registros da memória: breve análise dos arquivos privados pessoais

A análise de documentos que compõem arquivos privados pessoais deve ser considerada observando-se sua especificidade. Esses arquivos, que podem ser considerados, como quaisquer outros, “(...) evidências das transações da vida humana” (Cook, 1998: 131), possuem características específicas que os tornam também bastante singulares como fonte para os estudos históricos.

Os arquivos, tanto públicos quanto privados, são classificados, fundamentalmente, a partir da origem de seus documentos, ou seja, do seu processo de acumulação. Por esse motivo, melhor seria defini-los como arquivos de proveniência pública, cujos documentos remetem-se a instâncias do Estado, e/ou arquivos de proveniência privada, em que os documentos são acumulados por pessoas físicas ou jurídicas sem relação direta com órgãos estatais. Segundo Garcia (1998: 179), “a noção de documento público aparece cada vez mais associada à de mandato, e quem detém uma parcela da autoridade pública produz documentos públicos”. Muitas vezes, um arquivo de origem privada pode mudar de natureza, se forem alteradas as relações entre a entidade produtora e o Estado (Garcia, 1998: 177).

É importante destacar que arquivos privados de homens públicos, como é o caso do conjunto documental aqui analisado, muitas vezes apresentam problemas para a classificação de seus documentos. Nem todos os documentos do acervo são de caráter privado, pois muitos deles são relacionados às funções públicas desempenhadas pelo titular ao longo de sua vida. Esse é um problema bastante comum nesse tipo de coleção de documentos, como chama a atenção Heymann (1997b: 64-6) ao analisar o arquivo privado de Filinto Muller:

O limite que separa os documentos públicos daqueles de caráter privado, em se tratando de titulares que atuaram como homens públicos, é bastante tênue e objeto de constantes reflexões. (...) é possível encontrar documentação que deveria integrar fundos de arquivos públicos, mas que foi “privatizada” pelos agentes que estiveram à frente de cargos por um determinado período, passando a integrar sua documentação pessoal, demonstrando nessa *mélange* de esferas e confusões, imbricações e impropriedades que caracterizam as relações entre público e privado nesse domínio.

Entre os arquivos privados, pode-se identificar ainda um tipo específico: o arquivo privado pessoal, que se define, principalmente, pelo fato de todos os documentos do acervo possuírem como marca identitária uma relação direta com o nome próprio do titular do arquivo. Num arquivo pessoal, é o nome do titular que cria a identidade fundamental do acervo constituído. E é a partir dele que se organiza a série de documentos acumulados.

Por todas as especificidades descritas acima, os arquivos privados pessoais prestam-se a práticas metodológicas semelhantes à que define Guizburg (1989: 173-5) ao se referir aos métodos da micro-história: “O fio de Ariana (...) é aquilo que distingue um indivíduo de outro em todas as sociedades conhecidas: o nome. (...) as linhas que convergem para o nome e que dela partem, compondo uma espécie de teia de malha fina, dão ao observador a imagem gráfica do tecido social em que o indivíduo está inserido”.

O risco que se pode correr é o de acreditar que os arquivos pessoais traduzem uma visão mais verdadeira do indivíduo à medida que foram organizados pelos próprios titulares. Cria-se a falsa noção que identifica os conjuntos documentais de origem pessoal com uma manifestação concreta e objetiva da memória individual de seus titulares.³

Relativizando essa idéia, os pesquisadores que trabalham com arquivos privados pessoais buscam identificar o processo social de construção desses acervos documentais, atentos à idéia de que eles podem ser lidos como uma escritura. Assim como qualquer outro registro ou documento, os arquivos “(...) não podem nunca anular-se como texto, ou seja, como um sistema construído consoante categorias, esquemas de percepção e apreciação, regras de funcionamento, que remetem para as suas próprias condições de produção” (Chartier, 1998: 63).

O arquivo pessoal é sempre organizado para anunciar e criar um pensamento, uma reflexão, uma história. Ao longo da vida, muitos dos registros acumulados por um indivíduo são descartados, e o resultado dessa ação é que se conserva apenas uma parte desses vestígios. Através de uma triagem diária, arrumam-se, desarrumam-se, classificam-se os papéis, coloca-se em ordem a desordem cotidiana. Ao arquivar, o colecionador de certa forma manipula a existência: omite, ignora ou dá destaque a certas passagens. A escolha e o registro de determinados acontecimentos, pensamentos e reflexões determinam o sentido que o colecionador busca dar ao arquivo. Como afirma Artières (1998: 11), muitas vezes, “arquivar a própria vida é pôr-se no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência”.

O arquivo privado pessoal permite vislumbrar uma “vontade de guardar” (Vianna et alii, 1986), de tornar público o privado, de exhibir a exemplaridade

da própria história. Assim, a organização de um arquivo pessoal acentua a individualidade do titular, redefinindo o seu lugar particular na pluralidade dos acontecimentos históricos.

Nesse contexto, os arquivos privados pessoais destacam-se como *locus* privilegiado de análise histórica, pois registram uma forma de acumulação privada que possui como marca identitária específica o nome próprio do titular. Eles são revalorizados não porque representam um conhecimento “mais verdadeiro”, e sim porque asseguram a possibilidade de mudanças de foco, a partir da redução do campo de observação, e a compreensão de configurações intelectuais múltiplas, que exibem uma memória específica. A análise desse tipo de fonte permite a compreensão das relações estabelecidas entre as representações subjetivas do agente em questão (no caso, o titular do arquivo) e a memória que se constrói sobre ele. A exploração de arquivos pessoais pode, dessa forma, contribuir para o trabalho do historiador, revelando dimensões do “vivido” ocultas nas análises macro-históricas.

O arquivo de Oliveira Vianna guarda ao mesmo tempo a sua “leitura/escritura” de si próprio e as múltiplas leituras e escrituras de todos aqueles que passaram por sua organização. O arquivo constitui uma memória de Oliveira Vianna que pode ser decodificada através da leitura e da interpretação de seus documentos. Pomian (1992: 167) observa que, ao contrário dos monumentos que remetem ao passado num simples olhar, os arquivos e documentos precisam ser decifrados e criticados. Segundo ele, o arquivo é uma memória objetiva, porém virtual. É a leitura histórica que o reatualiza, ressignificando-o e tornando-o suporte da memória. O arquivo privado pessoal de Oliveira Vianna constitui assim uma memória a ser decifrada e pode, à medida que for explorado e analisado, nos informar sobre aspectos até então ignorados sobre esse indivíduo e suas relações sociais.

Práticas de leitura e escrita: formas possíveis de sociabilidade?

Oliveira Vianna foi um intelectual de grande importância na primeira metade do século XX, à medida que a ele se atribuem alguns dos primeiros estudos de sociologia realizados no país, como também a inspiração e a concepção da regulamentação legal dos direitos trabalhistas.⁴ Apesar de ter mantido, durante cerca de trinta anos, uma intensa produção intelectual e uma grande importância política, os críticos e comentadores da sua obra são unânimes em afirmar suas características pessoais de reclusão social. Ao longo de sua vida, Oliveira Vianna contribuiu para a construção de uma auto-imagem de homem reservado e austero. Isso se deveu, sem dúvida, ao fato de Oliveira ter evitado

festas, recusado convites para ocupar cargos e posições de destaque e ter vivido sempre no âmbito exclusivo de sua residência, recolhido à sua biblioteca.

Era na sua própria biblioteca, na casa da Alameda São Boaventura, que ele vivia e, principalmente, lia. Era esse o seu local preferido na casa, seu espaço privado e privativo, seu lugar. Além de espaço de leitura, era também seu refúgio e seu ponto de ligação com o mundo. Era ali que Oliveira Vianna tomava conhecimento das novidades e notícias. Era através de seus livros, depositados na biblioteca, que Oliveira conhecia as novas teorias sociológicas, antropológicas, históricas e jurídicas. Era ainda na biblioteca que ele produzia seus livros, bilhetes, cartas, pareceres ou qualquer outro tipo de escrito. Ler e escrever eram para ele as atividades mais importantes. Folhear os livros, lê-los, anotá-los era o que mais lhe dava prazer. Era a atividade de “homem de letras” a que mais lhe atraía.

A definição do significado da expressão “homem de letras” é estabelecida por Roger Chartier quando este autor analisa como, durante o século XVIII, alguns intelectuais definiram os letrados como indivíduos voltados para o estudo, a leitura e a vida em gabinetes (Chartier, 1996: 160). Essa formulação idealizada parece ter sido a perseguida por Oliveira Vianna em seu processo de auto-representação. Seu mais importante biógrafo, Vasconcellos Torres (1956), demonstrou como a atividade da leitura e o isolamento social marcaram, desde muito cedo, a vida de Oliveira Vianna. Segundo esse autor, na faculdade, ele se destacava dos demais colegas justamente pelo apego aos livros: “Distante das rodas boêmias regressava ao Fonseca ao término das aulas, trazendo consigo, invariavelmente, um livro que folheava durante a travessia. (...) No velho casarão do Campo de Santana cuidava-se preferencialmente do livro” (Torres, 1956: 31).

Uma prática cotidiana tão solitária e distante fez com que Oliveira Vianna viesse a ter um círculo restrito de amigos e a criar a imagem de um homem afastado dos acontecimentos sociais. Construiu assim uma auto-representação, diversas vezes realfirmada, de homem recluso, que fugia do brilho dos acontecimentos públicos. A essa imagem associou-se outra, de um homem nacionalista com uma enorme postura cívica, o que contribuiu para a construção de uma memória que, até hoje, se mantém nos estudos sobre Oliveira Vianna. Em seus estudos sobre Vianna, José Murilo de Carvalho (1999: 205)⁵ refere-se a ele da seguinte forma:

Amigos e inimigos, todos coincidem em afirmar que Oliveira Vianna era figura íntegra, totalmente dedicado ao trabalho e aos livros; nunca buscou posições de poder. De hábitos quase monásticos, fugia do brilho das exposições públicas, não aceitava convites para conferências, recusava empregos como o de juiz do Supremo Tribunal, não frequentava rodas literárias ou antecâmaras de palácios. Respondia aos

críticos nos livros seguintes ou nas reedições e mantinha uma postura de respeito pelo debate intelectual. Tão perto do poder por tanto tempo, e do poder arbitrário, nunca disto tirou proveito em benefício pessoal. Foi aquilo que acusava os brasileiros de não serem: um homem público, um repúblico, posto que a sua maneira.

A representação, descrita acima, agradaria a Oliveira Vianna, e é importante destacar o quanto existe de sua própria participação na construção dessa imagem.

Entretanto, se essa era a imagem ideal do homem de letras, a ela correspondia, desde o século XVIII, uma outra, mais real e cotidiana, marcada justamente pelas estratégias de intercâmbios intelectuais. Segundo Chartier (1996: 172), não é somente a condição de leitor e escritor que caracteriza a identidade do intelectual. Ela é também marcada pela participação desse indivíduo nas pequenas sociedades onde os eruditos se encontram, discutem e mantêm trocas culturais. Não é a qualidade de letrado que estabelece as estratégias de sociabilidade de um intelectual, mas, ao contrário, é exatamente a participação na sociedade dos homens de letras que define a condição de letrado (Chartier, 1996: 172). Um intelectual totalmente solitário isola-se do mundo e perde uma das referências básicas de sua condição, a possibilidade de intercâmbio e de aprofundamento de suas idéias.⁶ Partindo dessa noção, Chartier (1996: 177) lista algumas das principais vias de sociabilidade dos homens de letras do século XVIII: os salões, a conversação entre eruditos, as academias e os cafés.

Se eram esses os espaços de sociabilidade no século das luzes francês, no Rio de Janeiro da *belle époque*, no início do século XX, vários espaços de intercâmbio intelectual, organizados ao longo do século anterior ou em vias de estruturação, se apresentavam. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Academia Brasileira de Letras, as faculdades (principalmente de direito), as livrarias onde os intelectuais se encontravam e as confeitarias – o equivalente brasileiro dos cafés parisienses – eram espaços de sociabilidade e trocas culturais.

Oliveira Vianna freqüentava alguns desses locais. Como membro do IHGB e, mais tarde, da ABL, Vianna podia usufruir da companhia de outros letrados, com quem estabelecia relações de concordâncias intelectuais ou, ao contrário, polêmicas e debates. Na Faculdade de Direito do Estado do Rio de Janeiro⁷, em Niterói, onde era professor, ele encontrava outro espaço de intercâmbio cultural ao discutir com alunos e colegas questões jurídicas ou qualquer outro tema em voga naquele momento.

Por outro lado, livrarias e confeitarias parecem não ter sido mesmo um espaço de convívio para Oliveira Vianna. Em seu livro sobre a Livraria Ideal, famoso espaço comercial de livros e ponto de encontro de intelectuais em Niterói, Aníbal Bragança (1999) descreve os seus freqüentadores no início do século XX.

que Oliveira Vianna estimava, apesar de não estarem presentes no seu dia-a-dia solitário? A descoberta desse documento indica, mesmo que de forma imprecisa e parcial, o grupo ao qual estava referida a sociabilidade daquele homem recluso. A caderneta parece apontar para o desvendamento da rede de relações de Oliveira Vianna e para os procedimentos de uma prática de relacionamento pessoal marcada e materializada pela escrita. Era através do envio de objetos escritos – seus próprios livros e cartões de boas festas – que Oliveira Vianna estabelecia, concretizava e reproduzia relações de amizade.

A caderneta do arquivo de Oliveira Vianna discrimina, sem dúvida, os nomes das pessoas voluntariamente escolhidas por ele para estabelecer laços de relações profissionais e pessoais. Mas o fato de constar daquela lista não significa que uma determinada pessoa tenha realmente recebido livros e cumprimentos ou, melhor dizendo, a lista poderia compreender um número maior de pessoas que aquelas a que Oliveira Vianna efetivamente enviou presentes e cartões de boas festas. Além disso, as relações pessoais são sempre estabelecidas de forma recíproca, elas dependem da vontade de, no mínimo, duas pessoas, e o fato de Oliveira registrar esses nomes não significa que o seu desejo fosse de encontro aos das pessoas listadas. A caderneta traduz, sem dúvida, uma intenção, um desejo, mas não necessariamente um contato efetivo. Como saber quais das pessoas constantes na lista contaram realmente com a estima e consideração de Oliveira Vianna e foram agraciadas com “presentes de papel”, livros de sua autoria e cartões de boas festas? Quais dos que receberam esses presentes se sentiram tocados por sua afeição e iniciaram ou deram continuidade à troca voluntária de gentilezas que marca as relações sociais?

Esse foi o principal questionamento que nos levou à exploração de uma outra fonte do arquivo: as correspondências. Se as relações pessoais do titular baseavam-se principalmente na prática escriturária, a correspondência emergia como uma fonte privilegiada para o desvendamento dessas relações. A análise da prática epistolar em momentos distintos da história e em espaços diversos vêm demonstrando como a correspondência “(...) pôde se inscrever nos tempos e espaços sociais específicos (...) preenchendo funções extremamente variáveis” (Camargo, 2000: 208). Segundo Maria Rosa Camargo (2000: 203), “nos motivos, nas necessidades e interesses dos correspondentes, nos assuntos que trazem e especialmente nos procedimentos a que recorrem, a escrita vai ocupando seu espaço como prática social, que se concretiza no próprio objeto, neste caso nas cartas, e que se constrói no jogo das interações sociais”.

Dessa forma, pode-se relativizar a interpretação que considera Oliveira Vianna um homem solitário, buscando-se identificar, na prática epistolar, o espaço privilegiado de seu relacionamento na sociedade dos homens de letras.

Como afirma Cécile Dauphin (1995b: 91-9), o termo “correspondência”, assim como “escritura”, é polissêmico, ou seja, possui diversos significados distintos. Significa traço, indício, aquilo que *corresponde* ao que resta da realidade de um acontecimento; é, ao mesmo tempo, texto produzido e objeto trocado entre aqueles que se *(co)respondem* e designa ainda o processo da escritura, a lógica que funda os gestos e as práticas, é a *correspondência* entre os indivíduos que testemunha as suas trocas efetivas e intelectuais.

Uma carta expressa mais do que o texto que ela contém. Sua materialidade denota a condição de sua redação, a análise de sua trajetória e a identificação de seu(s) destinatário(s) – se individual, institucional ou familiar – permitem a compreensão dos mecanismos de sua circulação, e a sua presença num arquivo, isto é, o conhecimento dos gestos em prol de sua conservação, deixa entrever os critérios que definiram a sua importância. Ainda segundo a concepção de Cécile Dauphin (1995b: 92):

Através das cartas “encalhadas” nas praias da História, é importante reencontrar a dinâmica que motivou o trabalho da escrita, o sentido do gesto que as produziu, a lógica que progressivamente reuniu as cartas em arquivos. (...) Sob o olhar do historiador, as correspondências (...) pertencem menos a um gênero particular que a um espaço social e cultural previamente balizado por uma rede de relações e de estratégias de identificação.

A correspondência pessoal de um indivíduo é portanto um espaço definidor e definido pela sua sociabilidade. É através dela que as pessoas, mesmo distantes fisicamente, podem trocar idéias e afetos, construir projetos mútuos ou discutir planos opostos, estabelecer pactos ou polêmicas e organizar ações. Esses documentos permitem, em síntese, esboçar a rede de relações sociais de seus titulares.

O substantivo “sociabilidade” define-se como uma tendência natural para a vida em sociedade. É considerado sociável aquele indivíduo que é naturalmente disposto a procurar a sociedade, que mantém uma vida social.

Oliveira Vianna era, como se afirmou anteriormente, o antípoda do indivíduo sociável. Recluso por natureza, de poucos amigos, Vianna caracterizava-se justamente pela sua tendência ao isolamento e pela vida dedicada ao trabalho intelectual, solitário em sua biblioteca. Oliveira Vianna era um leitor voraz, vivendo em um momento histórico em que a leitura já tinha, há muito, perdido a sua característica de atividade realizada em grupo, em voz alta, para deleite de muitos. A leitura era, para ele, uma atividade eminentemente íntima, pessoal e solitária.⁸

Mas se a seriedade do trabalho intelectual exigia de Vianna uma intensa atividade de leitura, ela não eliminava a necessidade de organização simultânea de uma comunidade de leitores.⁹ Era através de suas próprias leituras e do estabelecimento de uma rede de leitores, em que se davam as trocas de livros e as informações e comentários sobre novos títulos, que se concretizava a “inspiração”¹⁰ para o desenvolvimento de seu trabalho intelectual.

Assim, pode-se verificar que, apesar de todo o isolamento físico de Oliveira Vianna em relação à vida social, ele estabeleceu uma forma própria de sociabilidade, que se define pelas maneiras e estratégias que desenvolveu para a sua vida em sociedade. Sem ser sociável, no sentido literal do termo, que envolve o prazer de estar com outras pessoas, o gosto pela vida em sociedade, Vianna apresentou à sua maneira, com uma estratégia de sociabilidade baseada prioritariamente na escrita e, mais especificamente, na escrita epistolar.

As cartas, cartões, telegramas e bilhetinhos, presentes no seu arquivo pessoal, descrevem um espaço que, através da análise de outros tipos de documentos, não seria possível desvendar. Registram o lugar das relações pessoais eleitas, dos convites, dos agradecimentos, dos elogios, dos assuntos políticos e, também, da discussão intelectual.

Construindo redes de sociabilidade: correspondências e presentes de papel

Antonio de Torquemada, em seu *Manual dos escreventes* (Gomez, 2000: 116), publicado em 1552, definiu a correspondência como “a mensageira fiel de nossas intenções e intérprete dos nossos pensamentos e do ânimo pelo qual dizemos aos ausentes aquelas coisas que convém que escrevamos e que lhes entendam e sejam, como se, estando presente as disséssemos oralmente”.

Apesar de os historiadores não poderem utilizar, hoje, as fontes epistolares de maneira tão ingênua, pode-se definir a correspondência como o local por excelência da expressão das intenções e das trocas de idéias. O arquivo de Oliveira Vianna guarda uma significativa quantidade de cartas, tendo preservado tanto a sua correspondência passiva quanto uma parte, embora pequena, de sua correspondência ativa. Considerando os documentos presentes nesse acervo, pode-se verificar que Oliveira Vianna recebeu, em cerca de quarenta anos, 1.499 cartas, o que significa uma média de 37 por ano, cerca de três por mês. Com relação às cartas que ele escreveu, estão presentes no arquivo noventa exemplares, o que nos leva a verificar que a guarda de sua correspondência passiva foi muito mais significativa que da correspondência ativa, embora essa análise quantitativa deva ser observada com um certo cuidado, visto que a preservação de documentos em arquivos privados está sujeita às diversas e constantes interferências daqueles que participam/participaram de sua organização.

Em função de ser o acervo de correspondências passivas o mais completo e bem organizado, nossa análise se deterá nessa coleção de documentos.

A categoria correspondência não é homogênea. Ela abriga, ao contrário, uma enorme quantidade de formas discursivas distintas e uma infinidade de práticas. Refere-se tanto às correspondências oficiais e públicas como às privadas e íntimas, alia intenções tão distintas quanto discussões intelectuais, solicitações de emprego, pedidos de favores, relatos de notícias, entre outras. Na opinião de Dauphin (1995b: 89), “vestígio de uma realidade complexa, a forma carta absorve uma infinita diversidade de práticas e de registros, que é importante esclarecer”.

Por esse motivo, elaborou-se, em relação ao acervo de correspondências de Oliveira Vianna, uma tipologia dos documentos presentes. Há, nesse arquivo, diversas formas de correspondência que podem ser classificadas em seis tipos distintos, divididos em três grupos:

No primeiro grupo estão as cartas que se podem caracterizar como expressivas de suas relações de amizade e de prestígio político. Ele é composto:

1. Da *correspondência social* – mensagens de Natal e Boas Festas; participação de nascimento e de novo endereço; parabéns por novos cargos ocupados por Oliveira Vianna; convites para festas; cartões postais; aviso de falecimento; agradecimento de manifestação de pesar; cartas desejando melhora de saúde e pronto restabelecimento em caso de doenças, e convites de casamento.

2. Das *correspondências* que tratam de assuntos *políticos* – comentários sobre pareceres do Ministério do Trabalho; discussão sobre eleições; pedidos de emprego e favores.

O segundo grupo é formado pela correspondência ordinária, no sentido da representação das atividades cotidianas do intelectual. Compõem esse grupo:

1. As *cartas* para aquisição de *bens materiais* – entre essas cartas destacam-se, principalmente, as correspondências referentes à aquisição de livros.

2. As *correspondências* sobre assuntos *cotidianos* – pagamentos de empréstimos; solicitação de empréstimos; contagem de tempo de serviço; processo de aposentadoria; informações acerca de inventários, e causas judiciais familiares.

O terceiro conjunto de correspondências é caracterizado pelas cartas que compõem o que estamos denominando aqui a sua comunidade de leitores, o seu grupo de troca intelectual. Esse grupo é formado pelas:

1. *Cartas* que se referem a *questões intelectuais* – são as que tratam de opinião sobre textos e livros; solicitação para publicação de artigos, livros e textos; pedidos de doação de livros para bibliotecas e instituições; solicitação de autógrafos em livros; convites para prefaciar livros, para entrevistas e para bancas de concursos; doação de livros por diversos intelectuais.

2. *Cartas de agradecimento* – nessa categoria estão as cartas enviadas pelas pessoas que receberam livros da autoria de Oliveira Vianna enviados por ele de presente.

A partir dessa breve análise quantitativa e classificatória de sua correspondência, pode-se perceber, conforme afirmou-se anteriormente, que as relações pessoais de Oliveira Vianna passavam principalmente pela prática escriturária, o que torna sua relação epistolar uma fonte privilegiada para o desvendamento de sua rede de sociabilidade.

Consultando seu arquivo na parte classificada como “Cartas e Cartões”, verificamos constar, entre as pessoas que enviavam assiduamente cartas a Oliveira Vianna, 138 nomes distintos. Se considerarmos também os correspondentes classificados como eventuais e esporádicos, verifica-se um número bem maior de nomes: 591. Assim, pode-se concluir que, durante o período compreendido entre os anos 10 e o início dos anos 50, Oliveira Vianna manteve como correspondentes 729 pessoas distintas, com quem tratava dos mais diversos assuntos, defendia interesses, fazia propostas, agradecia convites e presentes e trocava idéias.

Através da análise dos documentos de seu arquivo pessoal, insinua-se a imagem de um homem que preza as suas relações pessoais, mesmo que de forma singular e distante, e que faz com que seja mantida com um significativo grupo de pessoas uma constante troca de gentilezas e favores. A imagem de homem recluso ganha, dessa forma, aspectos de uma auto-representação. Não se pode dizer que Oliveira se mantivesse fora de círculos de amizades e, ainda, pelo arquivamento das correspondências, pode-se perceber que ele não tinha nenhum interesse em ocultar essas relações.

A exploração dessa fonte permite portanto compreender a prática social que se traduz no processo da escrita epistolar. Para sua análise, foi selecionado, entre os tipos de carta descritos acima e presentes no acervo, um tipo singular: as correspondências de agradecimento, precisamente aquelas que eram enviadas por pessoas que agradeciam os livros que Oliveira Vianna mandava de presente. A escolha desse tipo de correspondência deu-se prioritariamente em função de que ela coloca em evidência importantes elementos das relações pessoais: a troca de presentes e de cartas. Pode-se considerar que os interlocutores de Oliveira Vianna que receberam presentes de papel foram aqueles que mereceram dele maior estima e consideração.

Presentes de papel ou os presentes também “produzem amigos”

Sahlins (1974) afirma, a respeito das trocas primitivas, que, se por um lado os amigos produzem presentes, por outro os presentes produzem amigos. A

troca de bens entre indivíduos cria uma obrigação de reciprocidade que caracteriza as relações de amizade, como vêm demonstrando os diversos estudos antropológicos sobre o tema.¹¹

Durante o período compreendido entre os anos de 1920, ano da publicação de seu livro de estréia *Populações meridionais do Brasil*, e 1951, ano de sua morte, Oliveira Vianna doou exemplares de 11 dos 13 títulos que publicou¹² e recebeu, de 57 indivíduos distintos, cartas de agradecimento pelo envio de seus livros.¹³ Esse número com certeza não traduz rigorosamente o grupo de pessoas a quem ele mandou livros, pois temos que considerar aqueles que, por algum motivo, deixaram de agradecer o presente¹⁴ ou mesmo aquelas cartas que se perderam nos sucessivos (re)arranjos do arquivo. Mas, sem dúvida, esse conjunto documental pode ser analisado como uma amostra significativa do grupo de pessoas agraciadas com presentes de papel e com quem o titular do arquivo estabeleceu o que Dauphin chama de pacto epistolar, fundado nas trocas afetuosas (Dauphin, 1991).

A primeira questão a ser investigada a respeito das correspondências de agradecimento refere-se justamente ao que elas agradecem, aos livros, de sua autoria, que Oliveira Vianna mandou de presente.

Os livros enviados por Oliveira Vianna ao longo dessas três décadas foram: *Populações meridionais do Brasil*, 1ª edição, São Paulo, Monteiro Lobato e Cia, 1920 (edição da Revista do Brasil); *Pequenos estudos de psicologia social*, 1ª edição, São Paulo, Revista do Brasil, 1921; *O ocaso do Império*, 1ª edição, São Paulo, Melhoramentos, 1925; *O idealismo da Constituição*, 1ª edição, Rio de Janeiro, Terra do Sol, 1927; *Evolução do povo brasileiro*, 1ª edição, Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, 1922 (nessa edição, o texto se chamava *O povo brasileiro e sua evolução* e fazia parte da apresentação do recenseamento de 1920); *Problemas de política objetiva*, 1ª edição, São Paulo, Cia Editora Nacional, 1930; *Raça e assimilação*, 1ª edição, 1932; *Problemas de direito corporativo*, 1ª edição, Rio de Janeiro, José Olympio, 1938; *As novas diretrizes da política social*, 1ª edição, Rio de Janeiro, Serviço de Estatística e Previdência do Trabalho, 1939; *Problemas de direito sindical*, 1ª edição, Rio de Janeiro, Max Limonad, 1943, e *Instituições políticas brasileiras*, 1ª edição, 2 v., Rio de Janeiro, José Olympio, 1949.¹⁵

A prática do envio de livros foi bastante constante e, observadas também as datas das cartas de agradecimento, nota-se que essa prática estendeu-se por todo o período da sua vida intelectual, iniciando-se logo após a publicação de seu primeiro livro, em 1920, intensificado-se durante os anos 30 e mantendo-se no decorrer dos anos 40.

A análise da correspondência de agradecimento permite perceber que a remessa massiva de exemplares ocorria principalmente no momento da edição ou reedição dos livros. Dessa forma, verifica-se que durante os anos 20 Oliveira

Vianna enviou quatro títulos distintos de presente: *Populações meridionais do Brasil*; *Pequenos estudos de psicologia social*; *O idealismo da Constituição* e *O ocaso do Império*. Ao longo dos anos 30, foram oito os títulos doados: *O idealismo da Constituição*; *O ocaso do Império*; *Evolução do povo brasileiro*; *Novas diretrizes da política social*; *Populações meridionais do Brasil*; *Raça e assimilação*; *Problemas de política objetiva e problemas de direito corporativo*. Nos anos 40, os títulos enviados de presente foram: *Problemas de política objetiva*; *O idealismo da Constituição*; *Instituições políticas brasileiras*; *Problemas de direito sindical* e *Pequenos estudos de psicologia social*.

Os dois livros dos quais Vianna doou mais exemplares foram *Problemas de política objetiva*, publicado em 1930 pela Companhia Editora Nacional, e *Problemas de direito corporativo*, publicado pela José Olympio em 1938. O primeiro deles compõe-se de uma coletânea de artigos publicados nos jornais *O País*, *Correio da Manhã*, *O Jornal*, *O Estado de São Paulo* e *Correio Paulista*, entre 1918 e 1928. Ele é apontado, num estudo de Castro Faria (s.d.), como uma obra que tem o caráter explícito de “projeto político”, de indicador de rumos e soluções para o país. Esse autor analisa atentamente o prefácio do livro, escrito por Oliveira Vianna, demonstrando como Vianna apontava para a idéia de uma proposta política. No prefácio, Vianna se refere ao livro *A Retirada da Laguna*, chamando a atenção para o fato de que o autor, Alfredo Taunay, expõe a ignorância absoluta dos homens que chefiaram a expedição militar relatada, destacando o papel individual desempenhado por um indivíduo simples naquela situação. A partir dessa análise, Castro Faria afirma que Oliveira Vianna critica a elite política brasileira, destacando que “na esfera política e constitucional, as nossas elites dirigentes não estão mais informadas que na esfera militar. Nesta, como naquela, o seu desconhecimento da terra é total” (Vianna, 1974: 17).

A partir daí, Oliveira Vianna delineia seu projeto político, oferecendo-se como guia para a vida política do país:

O objetivo principal desse livro é justamente mostrar como seria possível corrigir este desconhecimento e os males que dele derivam, procurando trazer aos centros de governo e da administração, por meio do mecanismo engenhoso dos Conselhos Técnicos, a colaboração de todos os homens de boa vontade, práticos, experientes, que, embora não pertencendo à classe política, estejam contudo – tal como aquele obscuro campeiro da *Retirada da Laguna*, em contato mais direto com a nossa realidade e, por isso mesmo, mais senhores das suas idiossincrasias, das suas intimidades e dos seus segredos. (Vianna, 1974: 17)

Apresentando-se como possuidor de um grande conhecimento da realidade brasileira, apoiado principalmente no sucesso da publicação de seus livros

anteriores, e já reconhecido intelectualmente, Oliveira Vianna mostrava-se como um dos “homens de boa vontade”, “experientes”, que poderiam colaborar para a superação do desconhecimento manifestado pela elite política e para a elaboração de um projeto estatal que tirasse o país da situação de atraso em que se encontrava.

Vasconcellos Torres registra que a publicação do livro, em 1930, aliada a essa postura de Vianna de se oferecer como iluminador dos caminhos dos homens políticos gerou uma série de críticas negativas. Diz ele:

Verdadeira atordoada levantou-se contra o novo livro, encontrando eco nas gazetilhas do *Jornal do Comércio*. A campanha presidencial de 1930 ocorria num clima agitado e os artífices da celeuma imputavam ao escritor a ridícula acusação de que seu propósito era o de fornecer aos poderosos do dia os elementos que lhe permitiriam golpear a democracia e as instituições vigentes. A crítica impiedosa não cessava no martelamento dessas inverdades. (...) A coincidência da publicação do livro com os comícios eleitorais de 30 parece ter gerado a injustificável tempestade. (Torres, 1956: 144)

Fiel ao seu estilo, Oliveira Vianna responderia a essas críticas somente em 1947, no prefácio da segunda edição dessa obra. Nessa ocasião, ele escreveria uma resposta que reforçaria a imagem autoconstruída de um intelectual acima das disputas partidárias, um homem totalmente dedicado à ciência e à busca da verdade que, nesse momento, se traduzia na pesquisa e explicação das características da realidade nacional:

Não tenho, nem nunca tive atinências partidárias de qualquer espécie. Não pertenço a partido algum. Não pertenço, nunca pertenci e espero em Deus que terei a lucidez e o bom senso bastantes para jamais pertencer. Muito ao contrário disso, sempre fiz timbre de ser um espírito livre, inteiramente livre, desses atilhos de partidos. Desta liberdade, que o meu apartidarismo me concede, se a tenho usado têm sido para julgar os nossos homens públicos e os nossos homens de governo com inteira independência e imparcialidade, ou censurando-os quando fazem jus à censura, ou aplaudindo-os quando merecem o meu aplauso, e, se nominalmente tenho aplaudido a este ou aquele homem de governo – fato aliás raríssimo –, só o tenho feito quando seus atos coincidem com as linhas fundamentais do meu pensamento, expresso em quase uma dezena de livros. Estes livros é que constituem o meu partido: não tenho outro. (Vianna, 1947: 22-3)

Nesse prefácio, é a auto-imagem do intelectual e do cientista que Oliveira Vianna pretende destacar, anunciando que as disputas partidárias e políticas estariam destinadas a um outro tipo de pessoa.

O segundo livro mais doado, *Problemas de direito corporativo*, tem uma origem bem específica. Foi escrito por Oliveira Vianna para rebater as críticas que o professor e deputado Waldemar Ferreira havia feito ao projeto de organização da Justiça do Trabalho, acusando-o de conter um caráter fascista. O livro é composto de sete artigos que haviam sido anteriormente publicados no *Jornal do Comércio* e resume-se, em linhas gerais, na defesa que Vianna faz de uma concepção de direito, segundo ele, mais moderna, que resulta da socialização da vida jurídica, deslocando o seu centro de interesse do indivíduo para o grupo e do grupo para a Nação.

Nesse livro também está presente a idéia de projeto político, mas, ao contrário do anterior, ele se refere a uma organização governamental já em curso, em processo de estabelecimento. No momento da sua redação, Oliveira Vianna ocupava o cargo de consultor jurídico do Ministério do Trabalho e defendia uma forma de Estado baseada na centralização dos poderes e na normatização das relações de trabalho. Era do lugar do intelectual que compunha o aparelho de Estado que Vianna falava. Não era mais o futuro guia para os homens políticos do país, e sim o intelectual a serviço da política.

A doação desses livros e de outros, pelo próprio autor, significa uma forma de autopropaganda ao mesmo tempo que indica o reconhecimento do receptor como pessoa autorizada a estabelecer uma leitura legítima. Das 57 pessoas que receberam e agradeceram os livros enviados por Oliveira Vianna conseguiram-se, até o momento, identificar e biografar 44. Eram todos homens, nascidos entre 1860 e 1927, a maior parte egressa de escolas de ensino superior. Quanto à formação profissional, 24 desses interlocutores cursaram a faculdade de direito, cinco eram militares, dois eram médicos, três eram sociólogos de formação¹⁶ e um era religioso. Sobre os outros, não foi possível identificar se existia algum tipo de formação universitária ou profissional específica.

Uma característica que imediatamente chama a atenção é a quantidade de advogados entre os receptores de livros doados por Oliveira Vianna. Cerca de 60% dos receptores de livros possuíam essa formação profissional, o que corrobora os diversos estudos já publicados sobre a importância das faculdades de direito na vida intelectual e política do país no início do século XX. Um exemplo pode ser verificado pela citação de estudo já clássico, realizado por Sérgio Miceli (1979: 35), sobre as elites intelectuais:

Até meados da República Velha, a faculdade de direito era a instância suprema no campo da produção ideológica concentrando inúmeras funções políticas e culturais. (...) A faculdade de direito atuava

ainda como intermediária na importação e difusão da produção intelectual europeia, centralizando o movimento editorial de revistas e jornais literários, fazia as vezes de celeiro que supria a demanda por elementos treinados e aptos a assumir os postos parlamentares e os cargos de cúpula dos órgãos administrativos, além de contribuir com o pessoal especializado para as demais burocracias, o magistério superior e a magistratura.

Uma outra questão importante a ser destacada é a existência de uma característica comum a todos os interlocutores biografados até o momento: 100% deles possuíam livros publicados. Era, portanto, entre os homens de letras que Oliveira Vianna buscava estabelecer sua comunidade de leitores. Era para eles que Vianna escrevia e era deles que gostaria de obter, através de uma estratégia normalmente privada – a correspondência – uma opinião pública. Como afirma Chartier (1994: 21), “as obras (...) produzem o seu nincho social de recepção”.

Dessa forma, conhecer a comunidade de leitores de uma obra é “uma primeira tarefa para se chegara uma história da leitura preocupada em compreender, nas suas diferenças, a figura paradigmática desse leitor que é um furtivo caçador” (Chartier, 1994: 14).

Através das cartas de agradecimento, podemos perceber uma parte da comunidade de leitores estabelecida por Oliveira Vianna. Digo parte, porque nem todos os receptores de presentes de papel acusam em suas cartas terem lido os textos. Muitas cartas agradecem apenas de maneira formal, sem fazer nenhum comentário sobre o livro enviado. Sabemos que eles receberam os livros, mas não podemos ter certeza de que os leram.

Por outro lado, existem correspondentes que comentam os textos e livros, como por exemplo Afonso Taunay.¹⁷ A correspondência entre esse intelectual e Oliveira Vianna é bastante numerosa e se estende por cerca de trinta anos, tendo sido iniciada em 1922. Em várias ocasiões, eles trocaram informações intelectuais e idéias, como é o caso da carta datada de 2 de janeiro de 1923, na qual Taunay comenta o “conserto” feito por ele no livro de Oliveira Vianna, ou da carta de 17 de setembro de 1925, em que Taunay se refere à leitura do artigo de Vianna, “História das bandeiras”.

Há ainda aqueles que enviam a Vianna livros de sua própria autoria solicitando opinião. Esse é o caso, por exemplo, do escritor Mário Sette,¹⁸ que, em carta datada de 5 de outubro de 1939, solicita a leitura e parecer de Oliveira Vianna sobre o seu romance *Os azevedos do poço*, publicado em 1938.

Os dois intelectuais citados são exemplos de indivíduos considerados efetivamente formadores da sua comunidade de leitores, pessoas com quem ele estabelecia uma troca intelectual e uma prática de intercâmbio de idéias, pela via epistolar.

Além desses casos, podem-se identificar, através da análise da correspondência de Oliveira Vianna, outros indivíduos que, mesmo sem terem sido agraciados com presentes de papel, podem ser considerados componentes de sua comunidade de leitores. São aqueles que, apesar de não terem recebido os livros de presente, escrevem comentando livros, artigos ou textos. Nesse caso podemos citar as cartas de Miguel Couto em março de 1933, que comentam a leitura e ressaltam o valor de *Populações meridionais do Brasil*, a carta de Jurandyr Manfredini, que comenta o livro *Problemas de política objetiva*, ou ainda as correspondências de Lucio D'Azevedo datadas de 23 de julho de 1926 e 6 de novembro de 1926, que analisam respectivamente os livros *Evolução do povo brasileiro* e *O ocaso do Império*.

Existe ainda um outro tipo de correspondente. Aqueles que não receberam os presentes de papel, não comentam textos de Oliveira Vianna, mas que enviam livros a esse intelectual solicitando seu parecer. Nessa situação está, por exemplo, Carlos Campos, que em carta datada de 14 de maio de 1944 submete a Vianna a apreciação de seu livro *Sociologia e filosofia do direito*.

Com vistas a concluir essa breve análise, gostaríamos de destacar que, através desses exemplos, buscou-se demonstrar de que forma a prática epistolar de Oliveira Vianna pode ser compreendida como uma estratégia de organização e desenvolvimento de suas relações de sociabilidade e principalmente de estruturação de uma comunidade de leitores que garantiria a propaganda e a propagação de suas idéias.

Notas

1. Oliveira Vianna nasceu em 1883, em Saquarema. Sexto filho de uma família de proprietários de terras, Oliveira publicou, em 1920, aos 37 anos, seu primeiro livro, concluído dois anos antes: *Populações meridionais do Brasil*. Sua trajetória, até esse momento, incluía a formação em ciências jurídicas e sociais, em 1905, e a docência de direito judiciário e penal e de direito industrial, desde 1916, na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais Teixeira de Freitas, em Niterói. Mais tarde, Oliveira Vianna viria a ocupar ainda diversos cargos na burocracia estatal, tais como diretor do Instituto de

Fomento Agrícola, em 1926, conselheiro do interventor Ari Parreiras, em 1930, consultor jurídico do Ministério do Trabalho, de 1932 a 1940, e ministro do Tribunal de Contas da União, de 1940 a 1951, além de participar da Comissão Revisora das leis da Justiça do Trabalho, em 1939. Como crítico da República Velha e do liberalismo durante os anos 20, Oliveira Vianna construiu um sistema de pensamento e o vulgarizou, criando a legitimação necessária para a sua futura trajetória política. O prestígio por ele adquirido no campo intelectual nesse período é o que lhe permite atuar no

campo político a partir dos anos 30. Sua carreira intelectual foi marcada por sua atuação como professor da Faculdade de Direito de Niterói, membro do Conselho Nacional de Geografia, da Academia Fluminense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Academia Brasileira de Letras, membro correspondente da Sociedade dos Americanistas de Paris, do Instituto Internacional de Antropologia, da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, da Academia Portuguesa de História, da Union Cultural Universal de Sevilha, da Academia de Ciências Sociais de Havana e da Academia Dominicana de História.

2. A Casa, localizada na alameda São Boaventura n. 41, no bairro do Fonseca, foi adquirida pelo governo do Estado do Rio de Janeiro, em 1955, e transformada em Fundação Oliveira Vianna pelo decreto n. 5.317, de 16 de abril de 1956. A instituição tinha como objetivo preservar o espaço onde Oliveira Vianna viveu a maior parte de sua vida e manter à disposição do público interessado o seu arquivo pessoal, sua biblioteca, além dos móveis e objetos que testemunharam a sua existência. Era ainda objetivo dessa instituição a atualização da biblioteca, a organização de um arquivo com as notas de estudos, os originais de suas obras, as cartas, as fotografias, os títulos e quaisquer documentos que se relacionassem à vida e à atividade intelectual de Oliveira Vianna, além da edição de um pequeno boletim informativo sobre as atividades da Fundação, divulgação e edição de trabalhos sobre temas brasileiros focalizados sob o ângulo das ciências sociais, organização de um centro de pesquisas e transformação da casa num museu para promover cursos, conferências e exposições. A Fundação existiu durante vinte anos, até que, em 9 de abril de 1975, através do decreto-lei n. 60, foi extinta. Seu acervo passou a

integrar a Fundação Estadual de Museus do Rio de Janeiro, recebendo o nome de Casa de Oliveira Vianna. Alguns anos mais tarde, em abril de 1980, a Casa passou a pertencer à Fundação de Artes do Estado do Rio de Janeiro (FUNARJ). Durante todos esses anos de existência, a Casa de Oliveira Vianna não conseguiu cumprir a maior parte dos objetivos da Fundação. Não se tornou um centro de pesquisas, nem promoveu cursos e conferências. Entretanto, a Casa tem o mérito de ter mantido à disposição dos pesquisadores interessados sua biblioteca particular e seu arquivo privado pessoal.

3. Angela de Castro Gomes chama a atenção para o fato de os arquivos privados pessoais exercerem sobre os pesquisadores uma enorme sedução ou, nas suas palavras, até mesmo um certo “feitiço”. Acredita-se poder encontrar nesses arquivos o acesso seguro aos registros da atuação, pensamento e preferências do personagem pesquisado. Em outras palavras, o arquivo parece conter “aquilo que realmente aconteceu”, a “forma como realmente se deram os acontecimentos”. Nas palavras da autora, “este é o grande ‘feitiço’ do arquivo privado: por guardar uma documentação pessoal, produzida com a marca da personalidade e não destinada explicitamente ao espaço público, ele revelaria seu produtor de forma ‘verdadeira’: aí ele se mostraria ‘de fato’, o que seria atestado pela espontaneidade e pela intimidade que marcam boa parte dos registros” (Gomes, 1998: 121-7).

4. Ao longo dos anos 90, surgiram vários trabalhos de sociólogos, cientistas políticos e historiadores que davam destaque à obra de Oliveira Vianna. Entre eles, gostaria de destacar aqui: Élide Rugai e João Moraes (orgs.), *O pensamento de Oliveira Vianna* (Campinas, Unicamp, 1993); Manuel Palácios da Cunha e Melo, *Quem explica o Brasil* (Juiz de Fora, UFJF, 1999); Stella Bresciani,

“Forjar a identidade brasileira nos anos 1920-1940”, em Foot Hardman (org.). *Morte e progresso: cultura brasileira como apagamento de rastros* (São Paulo, Unesp, 1998); Angela de Castro Gomes, “A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado”, em Fernando Novais (org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea* (V. 4. São Paulo, Companhia das Letras, 1998); José Murilo de Carvalho, “A utopia de Oliveira Vianna”, em *Pontos e bordados* (Belo Horizonte, UFMG, 1999); Maria José Rezende, “Oliveira Vianna e a mudança social no Brasil”, em *Cadernos de Estudos Sociais* (Recife, v. 15, n. 1, jan./jul. 1999); Pedro Rodolfo Bodê de Moraes, “Oliveira Vianna no Ministério do Trabalho”, em *Revista de Sociologia e Política* (n. 9, 1997); Gabriela Nunes Ferreira, “A formação nacional em Buarque, Freyre e Vianna”, em *Lua Nova* (São Paulo, n. 37, 1996).

5. O texto “A utopia de Oliveira Vianna” foi publicado pela primeira vez em 1991 na revista *Estudos Históricos*, n. 7. Mais tarde, esse mesmo texto foi publicado em Élide Rugai Bastos e João Quartim de Moraes, *O pensamento de Oliveira Vianna* (Campinas, Unicamp, 1993), antes de ser publicado no livro de José Murilo de Carvalho, *Pontos e bordados* (Belo Horizonte, UFMG, 1999).

6. É interessante observar depoimentos de intelectuais sobre a dificuldade criada a partir de uma vida solitária. As duas frases seguintes estão separadas por um período de dois séculos, o que nos leva a crer que a condição de intelectual é, ainda hoje, como há duzentos anos, marcada pela necessidade de intercâmbios culturais: “Vous me demandez si j’ai lu l’abbé Raynal? Non. Mais pourquoi? Parce que je n’ai plus ni le temps ni le goût de la lecture. Lire tout seul, sans avoir à qui parler, avec qui disputer ou

briller, ou écouter, ou se faire écouter, c’est impossible” (Correspondance de l’abbé Galiani *apud* Chartier, 1996: 172). “É possível que se leia quando existe um mercado no qual possam ser colocados os discursos concernentes às leituras. Se essa hipótese pode surpreender, até chocar, é porque somos precisamente pessoas que têm sempre sobre a mão um mercado, alunos, colegas, amigos, cônjuges etc., a quem podemos falar de leituras” (Depoimento de Pierre Bourdieu no texto “A leitura: uma prática cultural”, em Chartier, s.d.: 238).

7. A Faculdade de Direito do Estado do Rio de Janeiro passou a funcionar em Niterói em 25 de março de 1915, a partir da fusão da Faculdade de Direito Teixeira de Freitas – que havia sido criada na cidade do Rio de Janeiro, em 1912, pelo professor Joaquim Abílio Borges – e da Faculdade de Direito do Estado do Rio de Janeiro – que também funcionava na capital da República. Em 1921, essa faculdade adotou o nome de Faculdade de Direito de Niterói, tendo em vista que passara a denominar-se Faculdade de Direito do Rio de Janeiro aquela que seria mais tarde a Faculdade Nacional de Direito. A Faculdade de Direito de Niterói foi federalizada pela lei n. 2.721, de 30 de janeiro de 1936 e, em 18 de dezembro de 1960, passou a integrar, juntamente com as faculdades de ciências econômicas, filosofia, engenharia, entre outras existentes na cidade, a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFERJ). A UFERJ transformou-se, em 1965, na atual Universidade Federal Fluminense (UFF).

8. Oliveira Vianna pode ser considerado um leitor brasileiro típico do início do século XX. Segundo a descrição de Hellewell (1985: 243), o leitor nessa época era um “(...) cidadão respeitável que andava de preto, usava chapéu coco, marchava lentamente, merecia todo conceito e respeito. A linguagem dos

livros devia ser sonora, os assuntos sempre muito sérios deviam ser tratados com vagar e a gravidade exigidos pela fina educação”.

9. Roger Chartier desenvolve a noção de comunidade de leitores no texto “Comunidade de leitores”, em *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII* (Brasília, UnB, 1994), p. 11-31.

10. A noção de “inspiração”, descrita aqui como resultado do trabalho de leitura e troca de informações, foi desenvolvida por Peter Stalybrass no texto “La matérialité de l’écriture, 1450-1600”, apresentado no seminário do professor Roger Chartier, na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, em junho de 2001. Segundo as palavras do autor, “quand Shakespeare écrivait une pièce, à mon avis, il ne “réfléchissait” pas. Il ouvrait sur sa table ou sur son bureau (dont malheureusement nous ne savons rien) les chroniques de Raphael Holinshed s’il écrivait une pièce sur l’histoire d’Angleterre, de même que d’autres chroniques historiques, et des livres plus banal tels que la traduction de Ovide et de Virgile, des passages de Marlowe et de Sidney, etc. L’inspiration, autrement dit, ne venait pas des profondeurs de l’âme mais de l’analyse de textes et de sa propre mémoire; elle provenait de lectures et de conversations”.

11. Os estudos antropológicos que tratam da amizade foram sintetizados por Josepa Giner no livro *La amistad: perspectiva antropológica* (Barcelona, Icaria Editorial, 1995).

12. Os livros publicados por Oliveira Vianna no Brasil ao longo de sua vida são: *Populações meridionais do Brasil, 1920; Pequenos estudos de psicologia social, 1921; Evolução do povo brasileiro, 1922; O idealismo na evolução política do Império e da República, 1922; O ocaso do Império,*

1925; O crédito sobre o café, 1927; O idealismo da Constituição, 1927; Problemas de política objetiva, 1930; Raça e assimilação, 1932; Problemas de direito corporativo, 1938; As novas diretrizes da política social, 1939; Problemas de direito sindical, 1943 e Instituições políticas brasileiras, 1949. Dessa lista foram excluídos os textos ou livros publicados no exterior, os textos publicados em obras de autoria coletiva e os livros editados após a sua morte.

13. Constam do arquivo de Oliveira Vianna um total de 66 cartas de agradecimento pelo envio de livros. Destas, cinco foram enviadas nos anos 50, após a morte do escritor, o que corresponde, portanto, a agradecimentos enviados à família pelo recebimento de livros do titular do arquivo. Há ainda quatro cartas de indivíduos que agradecem em nome de instituições (Instituto Interamericano, Universidade de Wisconsin, Companhia Editora Americana e Biblioteca Nacional). Todas essas cartas foram excluídas de nosso *corpus* de análise. Estamos considerando somente as cartas pessoais de agradecimento, recebidas pelo próprio Oliveira Vianna ao longo de sua vida.

14. Um exemplo dessa situação pode ser percebido na fala do próprio Oliveira Vianna, quando ele se refere, de forma magoada, a Rui Barbosa: “Quando publiquei *Populações meridionais do Brasil*, mandei-lhe com uma respeitosa dedicatória, o livro; mas não me acusou a recepção. Depois de inaugurada a Casa de Rui Barbosa, eu, ao percorrer anonimamente o santuário de seus estudos, tive a curiosidade de pedir o volume das *Populações*, que devia existir na sua biblioteca. O livro, de fato, estava lá; mas intato. Os dedos do grande Rui Barbosa não haviam sequer aberto a primeira página do enorme cartapácio de capa amarela, em que Monteiro Lobato

enfeixara a primeira edição” (*apud* Rezende, 1999: 151).

15. Todas as obras estão citadas em sua primeira edição, embora não tenha sido esta, obrigatoriamente, a edição enviada de presente.

16. Os sociólogos de formação eram todos estrangeiros, visto que nessa época os cursos de ciências sociais ainda começavam a se organizar no Brasil.

17. Afonso Taunay nasceu em Florianópolis (SC). Era filho do escritor Alfredo d’Escragnole Taunay, o Visconde de Taunay. É considerado um dos grandes historiadores brasileiros do

início do século XX. Foi membro da Academia Brasileira de Letras e professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Publicou mais de setenta títulos.

18. Mário Sette nasceu em Recife (PE), em 1886. Colaborou em vários jornais do Recife e do Rio de Janeiro.

Pertenceu à Academia Pernambucana de Letras e ao Instituto Arqueológico e Histórico de Pernambuco.

Publicou livros de contos, crônicas e romances. Foi professor da Faculdade de Filosofia e do Colégio São José de Recife.

Referências bibliográficas

ARTIÈRES, Philippe. 1998. “Arquivar a própria vida”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21.

BASTOS, Élide Rugai & MORAES, João (orgs.). 1993. *O pensamento de Oliveira Vianna*. Campinas, Unicamp.

BRAGANÇA, Aníbal. 1999. *A Livraria Ideal*. Petrópolis, Vozes.

BRESCIANI, Stella. 1998. “Forjar a identidade brasileira nos anos 1920-1940”, em *Morte e progresso: a cultura brasileira como apagamento de rastros*. São Paulo, Unesp.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. 2000. “Cartas adolescentes: uma leitura e modos de ser...”, em MIGNOT, Ana Chrystina; BASTOS, Maria Helena Camara & CUNHA, Maria Teresa Santos. *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis, Mulheres.

CARVALHO, José Murilo. 1999. “A utopia de Oliveira Vianna”, em *Pontos e bordados*. Belo Horizonte, UFMG.

CHARTIER, Roger. 1991. *La correspondance : les usages de la lettre au XIXe siècle*. Paris, Fayard.

———. 1994. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília, UnB.

———. 1996. “L’homme de lettres”, em VOVELLE, Michel (org). *L’homme de lumières*. Paris, Seuil.

———. 1998. *Au bord de la falaise : l’histoire entre certitudes et inquiétudes*. Paris, Albin Michel.

——— & BOURDIEU, Pierre. S. d. “A leitura: uma prática cultural”, em CHARTIER, Roger. *Práticas da leitura*. Estação Liberdade.

CHOTARD, Loïc. 1995.

“Correspondance : une histoire illisible”. *Romantisme*. Paris, n. 90.

COOK, Terry. 1998. “Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo

- pós moderno”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21.
- DAUPHIN, Cécile. 1991. “Les manuels épistolaires au XIXe siècle”, em CHARTIER, Roger. *La correspondance: les usages de la lettre au XIXe siècle*. Paris, Fayard.
- . 1995. “Pour une histoire de la correspondance familiale”. *Romantisme*, Paris, n. 90.
- ; LEBRUN-PÉZERAT, P. & POUBLAND, D. 1995. *Ces bonnes lettres: une correspondance familiale au XIXe siècle*. Paris, Albin Michel.
- FARIA, Luis de Castro. S.d. *A obra de Oliveira Vianna: uma tentativa de reconstrução*. Mimeo.
- FERREIRA, Gabriela Nunes. 1996. “A formação nacional em Buarque, Freyre e Vianna”. *Lua Nova*, São Paulo, n. 37.
- GARCIA, Maria Madalena. 1998. “Os documentos pessoais no espaço público”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21.
- GINER, Josepa Cucó. 1995. *La amistad: perspectiva antropológica*. Barcelona, Icaria Editorial.
- GOMES, Angela de Castro. 1998. “Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21.
- . 1998b. “A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado”, em NOVAIS, Fernando (org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. V. 4. São Paulo, Companhia das Letras.
- GOMEZ, Antonio Castillo. 2000. “Hablen cartas y callen barbas: escritura y sociedad en siglo de oro”. *Historiar: Revista Cuadristral de Historia*, Alcalá de Henares, n. 4.
- GUINZBURG, Carlo. 1989. “O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico”, em *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa, Difel.
- HELLEWELL, Laurence. 1985. *O livro no Brasil*. São Paulo, EDUSP/T. A. Queiroz.
- HEYMANN, Luciana Quillet. 1997. *As obrigações do poder: relações pessoais e vida pública na correspondência de Filinto Muller*. Rio de Janeiro, UFRJ/Museu Nacional. Mimeo.
- . 1997b. “Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Muller”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19.
- MELO, Manuel Palácios da Cunha e. 1999. *Quem explica o Brasil*. Juiz de Fora, UFJF.
- MICELI, Sérgio. 1979. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo, Difel.
- MORAES, Pedro Rodolfo Bodê de. 1997. “Oliveira Vianna no Ministério do Trabalho”. *Revista de Sociologia e Política*, n. 9.
- POLLAK, Michael. 1992. “Memória e identidade social”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10.
- POMIAN, Krzysztof. 1992. “Les archives: du trésor des Chartres au Caran”, em NORA, Pierre (org.). *Les lieux des mémoires*. Paris, Gallimard.
- REZENDE, Maria José. 1999. “Oliveira Vianna e a mudança social no Brasil”. *Caderno de Estudos Sociais*, Recife, v. 15, n. 1.
- SAHLINS, Marshall David. 1974. *Sociedades tribais*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Zahar.
- TORRES, João Batista de Vasconcelos. 1956. *Oliveira Vianna: sua vida e sua posição nos estudos brasileiros de*

Presentes de papel

sociologia. Rio de Janeiro, Freitas Bastos.

VIANNA, Aurélio; LISSOVSKY, Maurício & SÁ, Paulo Sérgio Moraes de. 1986. "A vontade de guardar: lógica de acumulação em arquivos privados". *Arquivo e Administração*, Rio de Janeiro, v. 10-4, n. 2.

VIANNA, Francisco José de Oliveira. 1947. *Problemas de política objetiva*. 2^a ed. São Paulo, Cia Editora Nacional.

———. 1974. *Problemas de política objetiva*. 3^a ed. Rio de Janeiro, Record.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. 1995. *L'exercice de l'amitié: pour une histoire des pratiques amicales aux XVIIIe et XIXe siècle*. Paris, Seuil.

WEBER, Florence. 1995. "La lettre et les lettres: codes graphiques, compétences sociales; des outils pour l'analyse des écritures ordinaires". *Genèses*, Paris, n. 18.

(Recebido para publicação em junho de 2001)